

Divulgação

'Io Capitano', a aposta italiana para o Oscar 2024

PÁGINA 4



MPB presta tributo a Ruy e Paulo André Barata

PÁGINA 3



Campos de refugiados na Europa em mostra

PÁGINA 7



2º CADERNO

Gabriel O Pensador atualiza olhar sobre maconha e indígenas em novo disco

Por Leonardo Lichote (Folhapress)

Em seu recém-lançado álbum "Antídoto pra Todo Tipo de Veneno", Gabriel O Pensador revisita um hit seu de 1997, "Cachimbo da Paz" - reflexão pop sobre a estupidez da cultura da repressão à maconha. "Cachimbo da Paz 2", a nova canção, atualiza o olhar sobre o tema, trazendo em seus versos o testemunho do que se deu nesses 26 anos - e do que não se deu.

"Aconteceram coisas, mas também não aconteceram outras", diz o rapper de 49 anos. "Como é que pode ter rolado tantas descobertas da ciência e permanecer um tabu que é do tempo da minha avó? Na medicina entenderam que a cannabis traz benefícios, mas por outro lado a guerra do tráfico continua igual."

O canabidiol ("O re-

'O Brasil tem que parar de virar as costas para a questão indígena'



Antídoto Pra Todo Tipo de Veneno, álbum de Gabriel Pensador

Divulgação

médio é natural, demorou ser liberado", diz um dos versos) não é a única informação nova da canção com relação à primeira. Assim como no rap original, o personagem principal é um indígena. Mas em nenhum momento Gabriel se refere a ele como "índio", como acontecia em "Cachimbo da Paz". Além disso, a perspectiva indígena ganha importância agora ("Respeita quem chegou primeiro e, papo reto/ Devolve tudo pros nativos, que isso aqui não deu certo", canta o rapper a certa altura).

"A questão indígena ganhou mais relevância nos versos. O Brasil tem que parar de virar as costas para ela. Xamã, que está bastante envolvido com isso, deu uns toques sobre não usar palavras como 'tribo', 'índio', que esse cuidado não é uma bobagem", conta Gabriel, sobre a participação do rapper na faixa. Lulu Santos, que esteve presente na primeira "Cachimbo da Paz", é o outro convidado.

Há uma curiosidade na participação de Xamã. A certa altura, ele canta que é "Gabriel O Pensador desde a sexta série". "Ele me contou que fez um trabalho na escola sobre 'Cachimbo da Paz'", explica Gabriel. "Falou que isso teve importância na sua decisão de seguir na poesia, no rap".

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL

Rapper faz várias referências à sua trajetória e pioneirismo



Divulgação

Vittor (com o violão) e Leo durante show

Anúncio sobre retorno de dupla gera mal-estar na Globo

Uma propaganda de 60 segundos exibida no intervalo do Fantástico, no último domingo (25), causou mal-estar e revolta nos bastidores da Globo. A área comercial da emissora vendeu espaço no break da revista eletrônica dominical para a empresa Opus Entretenimento anunciar o retorno da dupla sertaneja Victor e Léo aos palcos

após seis anos afastados. No entanto, a equipe do programa e outros setores da emissora — especialmente mulheres — ficaram incomodados com o negócio. O motivo é que Victor Chaves, um dos membros da dupla, responde a processo na Justiça por violência doméstica contra sua então mulher, Poliana Bagatini.

Bom começo

O remake de “Elas por Elas” estreou na Globo nesta segunda-feira (25) com bons números de audiência no horário das seis para a emissora. Tanto em São Paulo, como no Rio de Janeiro, o íbopo da trama foi considerado regular para a faixa.

Adeus, carrinho...

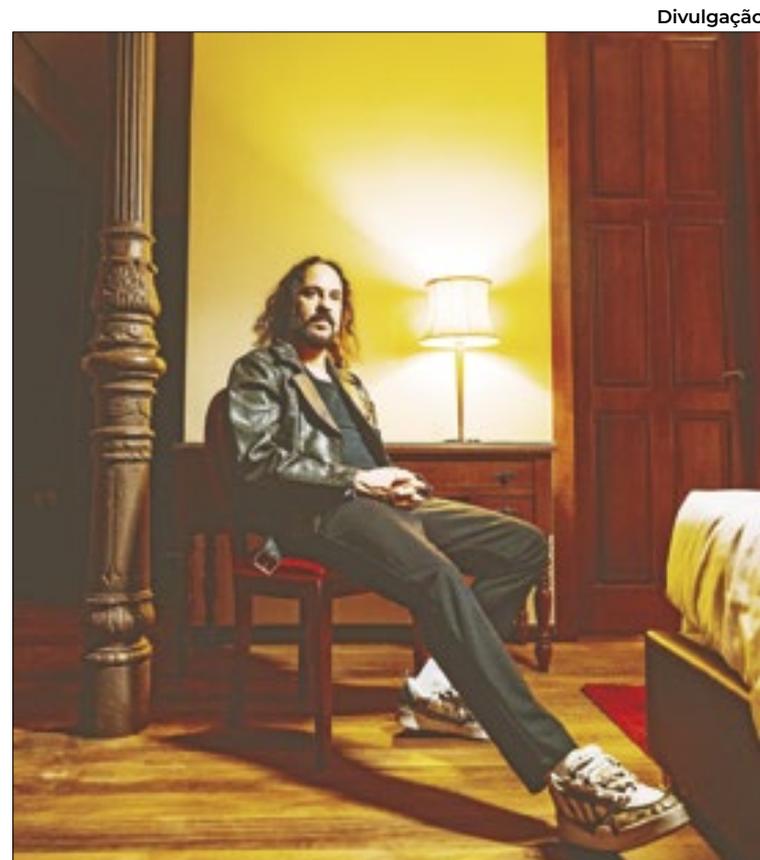
Narjara Turetta vai vender a carrocinha que usava para vender água de coco. O carrinho, que a ajudou a pagar os boletos na época em que esteve desempregada. O carrinho será leiloadado e o dinheiro arrecadado ajudará a atriz a montar um monólogo.

Armado

Vencedor da edição 7 do Big Brother Brasil (Globo), Diego Gasques, conhecido como Diego Alemão, foi preso na madrugada desta terça-feira (26) por porte ilegal de arma no Rio. Alemão pagou a fiança e foi liberado já na parte da manhã.

Voz que se cala

Uma das dubladoras mais conhecidas da história da TV brasileira, Maria da Penha morreu na noite de domingo (24) no Rio, aos 78 anos. Em sua A atriz deu voz à ratinha Minnie e à vilã Rita Repulsa (Power Rangers), entre outros personagens.



Divulgação

Gabriel O Pensador reflete sobre o passar dos anos

Não é só “Cachimbo da Paz 2” que testemunha no disco a passagem do tempo. Gabriel se refere em muitos momentos à sua trajetória e, em paralelo, à trajetória do rap brasileiro, em trechos como: “Nada disso dava likes e eu já tava lá no mic e já sabia o que queria” e “30 Anos Não São 30 Dias”, ambas de “Profecia”; “Rima pesada desde adolescente/ Morte ao racismo, matei o presidente”, em “Burn Babylon”, lembrando seu primeiro sucesso, “Tô Feliz (Matei o presidente)”; “Nem a Nasa em suas viagens tem a milhagem do meu mike”, em “Boca Seca”.

“São 30 anos de carreira, a gente estava comemorando os 25 anos do [disco] ‘Quebra-Cabeça’... Isso me fez olhar para trás, celebrando

esse tempo, afirmando a importância dessa contribuição”, explica Gabriel. “No fundo, inconscientemente eu queria inspirar a molecada a lembrar o motivo de eu fazer rap, que deveria ser o motivo de todo rapper, trapper, funkeiro: ter algo a dizer. Sempre teve ostentação, letra de sacanagem. Mas tinha propósito, uma essência de luta por liberdade de expressão, por dar voz ao jovem e aos que não tinham representatividade. Nas músicas estou falando que sou pioneiro e tal, mas não para tirar onda, e sim inspirar”.

A reflexão carrega um papo para as novas gerações, sobretudo para o cenário do trap, o subgênero mais popular. Território de invenção em termos de beats e produção, suas letras - salvo exceções e a des-

peito da admirável habilidade verbal dos artistas - são em geral autolouvações hedonistas recheadas de armas, roupas e carros caros, com a objetificação extrema da mulher.

“Não parei para conhecer estudar o cenário, mas olhando por alto, vejo que a galera tem capacidade de buscar mais temas”, observa Gabriel. “Até tá rolando. Mas os artistas podem caprichar mais nessa busca”.

Gabriel não se furta, porém, a flertar com a musicalidade do trap em “Antídoto pra Todo Tipo de Veneno”, em momentos como “Cachimbo da Paz 2” e “Boca Seca”. As bases do disco - assinadas por produtores como Papatinho, DJ Caique, André Gomes, Sam The Kid e Dree Beatmaker - também atestam o tempo, indo do boom bap tradicional a sonoridades mais modernas. Além disso, há elementos de reggae (“Liberdade”), ragga (“Burn Babylon”) e mesmo bossa nova (“Do Nada”).

As participações reafirmam essa abertura. Além dos já citados Xamã e Lulu Santos, estão lá rappers de diferentes gerações, como Sant e Black Alien. Há ainda Helio Bentes, cantor de reggae, antigo parceiro de Gabriel; Armandinho, também do reggae; e o havaiano Makua Rothman, surfista de ondas grandes, além de cantor e compositor.

Os temas também refletem ora o peso, ora a leveza dos anos. A depressão aparece em “Ultimamente” e “Topo do Mundo / Fundo do Poço”. “Andei sofrendo para caralho, na pandemia fiquei muito triste com a perda do meu pai. Fiz um vídeo que viralizou, falando de coisas que eu estava sentindo, dor no peito, angústia... Passei por fases difíceis. Esses versos têm a ver com amadurecimento”.

Já “Firme e Forte”, crônica saborosa que conta um episódio real de um show onde conheceu um fã cadeirante, soa como resposta igualmente madura de quem está há 30 anos - não 30 dias - no rap: “Fica difícil explicar, mas é tão fácil entender / Que a letra que fala dele fala de mim e de você/ Das alegrias e dores que não são tão diferentes / Das aquelas que os cantadores cantavam lá no sertão”.

Estrelas da MPB celebram um grande compositor



Maria Rita

Washington Possato/Divulgação



Leila Pinheiro

Renato Nascimento/Divulgação



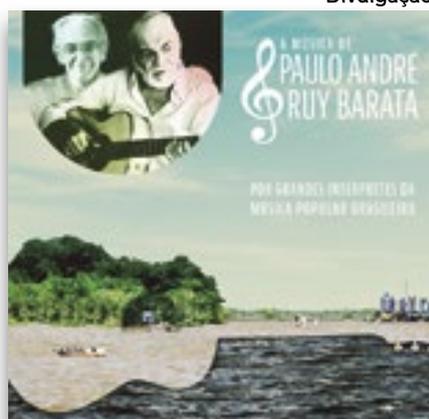
Fafá de Belém

Aryanne Almeida/Divulgação



Mônica Salmaso

Paulo Rapoport/Divulgação



Divulgação

Capa do álbum em que grandes nomes da MPB interpretam o cancionário de Ruy e Paulo André Barata



Joyce Moreno

Leo Aversa/Divulgação

Junho de 2020 marcou o centenário de nascimento de Ruy Barata, um dos maiores nomes da cultura paraense. Poeta, homem das artes e da cultura brasileira, Ruy é quase uma entidade no Pará: ao lado do filho, o também compositor Paulo André Barata, compôs uma vasta obra musical, homenageada no álbum “A música de Paulo André e Ruy Barata”. O projeto que reúne mais de 20 intérpretes chegou às plataformas digitais e em breve terá edição física, um CD duplo, a ser lançado pela gravadora Biscoito Fino. **Q**uis o destino com suas ironias que Paulo André viesse a falecer nesta segunda-feira (25) povos dias depois de o trabalho chegar ao público.

Os parceiros Ruy e Paulo André foram apresentados ao Brasil ainda na década de 1970 junto com Fafá de Belém, para

Autor de muitos sucessos, paraense Ruy Barata tem obra resgatada em álbum duplo pelo selo Biscoito Fino

quem compuseram o bolero “Foi Assim” e a canção rural “Pauapixuna”, incluídas em trilhas de novelas e séries da TV Globo.

Produzido por José Milton, o álbum “A Música de Paulo André e Ruy Barata” alinha composições da dupla (algumas de Ruy com outros parceiros) com direção geral de Tito Barata (irmão de Paulo André e filho de Ruy), criador do projeto. Ainda em vida, o próprio Paulo André foi consultor nesta homenagem à criação musical absolutamente singular de pai e

filho, que perpassa os ambientes urbano e rural da Amazônia ao som de boleros, merengues, MPB, sambas e carimbós.

O elenco estelar do álbum, que tem arranjos e regências de Cristóvão Bastos, Jacinto Kahwage, Luiz Pardal e Rildo Hora, é tão plural quanto a obra de Ruy Barata, morto em 1990. Além de artistas paraenses, como Fafá de Belém, Leila Pinheiro, Vital Lima, Jane Duboc, Pinduca e Dona Onete, o tributo reúne ainda Mônica Salmaso, Maria Rita, Zé Renato, Joyce

Moreno, Áurea Martins, Zeca Baleiro, Zeca Pagodinho, Lia Sophia e dupla Alexandre Gois e Joaquim Pessoa, entre outros intérpretes.

Coube a Maria Rita a nova versão da clássica “Foi Assim”; Fafá de Belém surge em dois momentos: na caribenha “Porto Caribe” e em “Tronco Submerso”. Pinduca e Dona Onete vão de carimbó em “Este rio é minha rua”; “Mesa de bar” aparece na voz de Leila Pinheiro e “Pauapixuna” na de Mônica Salmaso. “Moldura Antiga” é uma bossa que ganhou ainda mais suíngue na versão de Joyce Moreno e o Quarteto do Rio.

A melhor tradução da obra genial do multifacetado poeta Ruy Barata talvez esteja em um dos versos de “Porto Caribe” (em parceria com Paulo André): “Eu sou de um país que se chama Pará”.

Para Ruy Barata, “a chamada letra regional é sempre uma letra política. O opressor sempre impõe a sua linguagem. O regional foge a essa imposição”. Afinal, canta a tua aldeia e será universal.

Cineasta romano vira o eleito da Itália para o Oscar com o longa 'Io Capitano', tocante aventura sobre dois imigrantes senegaleses

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Pouco antes de rodar "Io Capitano", escolha oficial da Itália para brigar por uma vaga no Oscar 2024, que está encantando San Sebastián, o realizador romano Matteo Garrone andava com a cabeça em universos fabulares. Mas é com uma história bem pé no chão sobre perigos da imigração que ele se acerca dos holofotes de Hollywood.

"Aventuras nos deram a chance de conhecer os arquétipos da psique humana, numa ponte direta com a cartografia de humanidades que os gregos, nas tragédias, começaram a documentar, recriando relatos como fábula. O que eu procuro fazer ao operar com as fábulas é mesclar realismo e fantasia, levando um pouco de um para o outro, misturando o que é lúdico com o que existe de mais duro no real", disse o realizador de "Gomorra" (ganhador do Grande Prêmio do Júri de Cannes em 2008) ao Correio da Manhã, por telefone, quando estava escrevendo o exuberante "Io Capitano".

Ganhou com ele o Leão de Prata de Veneza, que deu ainda a seu belo filme o

A vida é bela para Matteo Garrone

Divulgação



'Io Capitano' é o longa escolhido para representar a Itália na disputa pelo Oscar de Melhor Filme Estrangeiro

troféu Marcello Mastroianni de Melhor Estrela Revelação (para Seydou Farr) e mais dez prêmios de júris paralelos. Farr vive um adolescente senegalês de 16 anos que se junta a seu primo de mesma idade, Moussa (Moustapha Fall) numa jornada de Dakar para a Sicília, em busca de uma vida melhor. Passa por toda a sorte de percalços para isso, encarando um deserto es-

caldante, tropas armadas e barcos lotados. É uma narrativa tensa, mas comovente, que dialoga visualmente com a tradição do grande cinema italiano moderno.

"Eu sou influenciado por muitos dos grandes realizadores do meu país. Se eu tivesse que fazer uma escolha radical acerca de quem mais me influenciou, falaria de Rossellini e Fellini, mas há todo um

legado de Elio Petri, de Marco Ferreri e de Monicelli em mim. Eu tento preservar uma relação vívida com o passado, como muitos de meus contemporâneos fazem. Fico muito feliz em que que o cinema italiano tem atravessado nossas fronteiras, em parte pela diversidade do que fazemos, honrado os grandes mestres que nos antecederam.

Divulgação



A atriz Dolores Fonzi estreia como diretora em 'Blondi'

Uma hermana em alta

Presença latina cativa na tela dos grandes festivais do mundo, por ser hábil na escolha de roteiros, a atriz argentina Dolores Fonzi surpreendeu San Sebastián em sua estreia como diretora, com a dramédia "Blondi". Uma das estrelas de maior prestígio do cinema hispano-americano em atividade, consagrada por dramas como "Paulina" (2015), ela passa à direção com uma narrativa leve (e comovente) sobre

os dilemas de amadurecer. Dolores ainda assume o papel principal, vivendo Blondi, que considera ter sido mãe cedo demais. A dificuldade de lidar com o ônus da maternidade a leva a ter uma relação nada ortodoxa com seu filho, sem saber como dar conta dos percalços da vida adulta.

Falando de Argentina... em sua sessão de clássicos revisitados, San Sebastián resgata o fenômeno portenho "Nove Ra-

inhas" ("Nueve Reinas", 2000), de Fabián Bielinsky; O filme que apresentou Ricardo Darín ao Brasil, antes de "O Filho da Noiva" (2001), também estrelado por ele, concorrer ao Oscar. Cheia de reviravoltas, a trama acompanha os percalços de dois vigaristas (Darín e Gastón Pauls, laureados com um prêmio duplo de Melhor Interpretação no Festival de Biarritz) para enganar um filatelista com uma coleção de selos rara. (R.F.)

ENTREVISTA / GRIFFIN DUNNE, ATOR, DIRETOR E PRODUTOR

Rodrigo Fonseca

'Nunca foi fácil ser engraçado'

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Vítima da lua cheia no terror cult "Um Lobisomem Americano Em Londres" (1981) e alvo das estripulias pop de Madonna em "Quem É Esta Garota" (1987), o nova-iorquino Griffin Dunne começou a fazer cinema em 1975, como ator, dividindo a agenda com trabalhos como produtor e cineasta. Até indicação ao Oscar de Melhor Curta-Metragem ele tem no currículo, uma vez que concorreu a uma estatueta em 1996, com o filme "Descobertas". A pluralidade de sua obra é inegável, mas ela tem sido resumida a um só filme: a comédia "Depois de Horas" ("After Hours"), que rendeu a Martin Scorsese o prêmio de Melhor Direção em Cannes. No Brasil, o filme passou na "Tela Quente", com Selton Mello dublando Dunne.

Mas, aos 68 anos, ele pode ter emplacado uma nova performance icônica a julgar pela badalação acalorada em torno de seu desempenho em "Ex-Husbands". No filme de Noah Pritzker, ele vive o Dr. Peter, um dentista de Nova York em processo de separação da mulher com quem viveu por 35 anos - papel confiado a Rossanna Arquette, sua parceira no longa de Scorsese. Em busca de sossego, ele embarca numa viagem para um resort no México sem saber que seus filhos vão estar lá.

Na entrevista a seguir, Dunne faz um balanço de sua vida nas telas.

De certa forma, a saga do dentista Peter retratada em "Ex-Husbands" fala sobre a arte de envelhecer. Como você, aos 68 anos, avalia as reações do personagem?

GRIFFIN DUNNE: O maior barato de fazer carreira como ator é que, numa

época, você vai sempre interpretar filhos e, em outra, passa a viver pais ou avôs. Antes, em tramas de tribunal, os estúdios me chamavam para viver advogados e, hoje em dia, já me escalam para viver juízes. O especial no processo de "Ex-Husbands" é que é cada vez mais difícil ter papéis bons para atores da minha idade.

Mesmo sendo diretor e produtor também?

Notei que produzir ia facilitar as minhas chances de ser escalado, pois, se eu produzo, posso arrumar um papel para mim. Mas quando estou atuando, eu meio que tiro férias das responsabilidades que tenho quando estou num projeto como cineasta ou trabalhando na produção. Tendo um diretor como Noah, eu só me deixo guiar pelo roteiro e busco espaços para expressar o que há na essência do meu personagem. Não fico pensando se o filme vai estar num festival como o de San Sebastián ou se será aplaudido.

Sua carreira começou nos anos 1970 e foi para vários caminhos desde então, mas "Depois de Horas" está sempre em destaque. Aquele filme é quase um emblema da sua trajetória. Em que ponto um acerto assim é uma bênção e em que medida é uma maldição?

Fui o filme que abriu as portas do mundo para mim. Na época em que fez a sua primeira exibição mundial, em Cannes, em 1985, estava rolando o boato de uma ameaça de bombas e os artistas americanos todos cancelaram sua ida. Stallone e Schwarzenegger não viajavam, mas eu, que produzi o filme, sim, o que fez jornais como o "Le Monde" me chamarem de "O Ator Mais Corajoso da América". Por outro lado, na minha relação com a comédia, o filme acabou me associando a um arquétipo do atrapalhado em situação de risco.



“ Notei que produzir ia facilitar as minhas chances de ser escalado, pois, se eu produzo, posso arrumar um papel para mim’

Griffin Dunne

Qual é o maior desafio de se fazer humor sob a patrulha da correção política?

Nunca foi fácil ser engraçado e eu fico nervoso só em ter que formular sobre fazer comédia. Mas eu tenho visto que os shows dos comediantes andam cheios. O público está lá. Acredito que sempre vai haver lugar na arte para a irreverência, ela só tem que se acomodar às transforma-

ções. As tensões do nosso tempo hão de se acomodar.

Peter fala muito, mas diz mais ainda em sua quietude, vendono mar. Que marcações reflexivas você trouxe para o filme ao construir esse personagem?

Não é uma escolha consciente. Eu apenas fico atento aos momentos em que possa haver um respiro e tento aproveitar.

Muito cacique pra pouco índio?

Por Cléo Guimarães (Folhapress)

Entre os cinco candidatos declarados à Academia Brasileira de Letras estão dois indígenas: Ailton Krenak e Daniel Munduruku

Tudo indica que a próxima eleição da Academia Brasileira de Letras será uma das mais disputadas dos últimos tempos — e, desta vez, com um componente inédito (e histórico). Entre os 11 inscritos à cadeira 5, vaga desde a morte do historiador José Murilo de Carvalho, em agosto passado, há dois indígenas.

São eles o filósofo, poeta e escritor mineiro Ailton Krenak e o escritor, ativista e ator paraense Daniel Munduruku. No ar na novela “Terra e Paixão”, na qual interpreta o pajé Jurecê Guató, Munduruku não é um neófito: em 2021, concorreu à cadeira 12 da Academia e angariou nove votos no pleito, perdendo para o neurocirurgião Paulo Niemeyer Filho, com 25.

A candidatura de Munduruku, à época, foi defendida por uma carta de apoio assinada por mais de 100 autores brasileiros, como Chico Buarque, Ligia Bojunga, Alice Ruiz — e também Ailton Krenak. Não conseguiu a vitória, mas ficou satisfeito. “É uma boa votação, tanto que fui incentivado a tentar de novo. Disseram que eu seria o indígena que a Academia gostaria de ter entre os seus imortais”, conta Munduruku à reportagem.

Mas havia Ailton Krenak no meio do caminho. Antes de submeter sua ficha de inscrição para a disputa, que acontece no próximo dia 5 de outubro, Munduruku diz ter ficado “abalado” com o que considerou uma “puxada de tapete” de Krenak. “Ele foi e se inscreveu primeiro”, conta, acrescentando que os dois haviam combinado de não se enfrentar.

Krenak, hoje apontado como favorito, nega qualquer acordo e diz que “são muito graves” as afirmações do outro candidato. A historiadora carioca Mary Del Priore também tem grandes chances mas — até o momento — Krenak é barbada. Leia a seguir entrevistas com os dois indígenas que disputam a vaga em aberto na casa fundada por Machado de Assis.

Por que o senhor decidiu se candidatar de novo?

Daniel Munduruku: Porque depois da minha derrota para o Paulo Niemeyer, fui aconselhado por vários imortais a tentar de novo. Disseram que teria muitas chances porque seria o indígena que eles queriam.



Luciano Avanço/Divulgação

Daniel Munduruku: ‘Fui aconselhado por vários imortais a tentar de novo’

Comenta-se que o senhor ficou magoado com a candidatura do Ailton Krenak. É verdade?

Claro. Fiquei abalado. Tinha um combinado nosso de que se fosse para ter um de nós [indígenas] na ABL, esse alguém seria eu. Ele puxou o meu tapete.

E o senhor falou com ele depois disso?

Sim, liguei no dia seguinte.

E como foi a conversa?

Ele disse que não tinha o menor interesse em entrar para a Academia mas que havia sido bastante incentivado a sair candidato, então resolveu aceitar. Me garantiu que não faria campanha, mas no mesmo dia já estava fazendo seus contatos.

Pensou em sair da disputa?

Eu cheguei a escrever no Twitter que seria capaz de desistir de um sonho se fosse o melhor para a causa, que se ele vencesse todos sairíamos ganhando. Depois me toquei que ele não era “a causa”. A verdade é que nunca pensei em deixar de concorrer.

Krenak vem sendo apontado como favorito. Por que acha que merece mais a vaga do que ele?

Sou da literatura há 30 anos, premiadíssimo, inclusive pela própria ABL. Tenho uma obra vasta, ensino indígenas a escrever. Eu



Divulgação

Ailton Krenak: ‘Eu respeito a Academia e vou até o final, senão nem teria feito a inscrição’

que inventei a literatura indígena, isso não existia, sou pioneiro. Tenho direito adquirido sobre essa vaga e sei que se o Krenak entrar agora, eu não entro nunca mais.

Procurado pela reportagem, Ailton Krenak concedeu a seguinte entrevista:

Por que o senhor resolveu disputar a eleição na ABL?

Ailton Krenak: Fui surpreendido por uma nota no jornal dizendo que a vaga do José Murilo poderia ser ocupada por um indígena, no caso, o Ailton Krenak. Eu estava na aldeia e só soube três dias depois. Fiquei surpreso, eu não pensava nisso.

A nota saiu no jornal O Globo, empresa onde há décadas trabalha o presidente da Academia Brasileira de Letras, Merval Pereira. Acha que foi ele quem passou essa informação?

Não sei desse tipo de fofoca, nem sabia que o Merval era presidente da Academia, só soube disso depois. Eu acho que quem passou isso foi a Academia Mineira de Letras, da qual faço parte. Parece que querem alguém de lá na ABL. Me sinto agraciado.

O senhor gostou da ideia e resolveu se inscrever então?

Sim, fiz o rito ordinário e mandei e-mail com a minha inscrição.

O Daniel Munduruku diz que vocês haviam combinado que o indígena a disputar a vaga seria ele, que o senhor não teria interesse em entrar na ABL.

É grave o Daniel fazer um comentário desse. Nunca fiz um trato com ele, sequer tomamos um café.

Ele não te ligou?

Não. Nunca falei com ele sobre Academia Brasileira de Letras. Nunca reivindiquei nada, nunca fiz acordo para nada.

O senhor está em campanha para angariar votos?

Não faço campanha nenhuma, tenho mais o que fazer.

O senhor é tido, até agora, como favorito. Caso seja eleito, pretende viver o dia a dia da ABL?

Ainda não conheço os rituais internos da Academia, e acho que é folclore essa história de que há um encontro amigável toda semana em que eles tomam chá.

Não acredita que o chá dos imortais aconteça semanalmente, de fato?

Seria infantil imaginar que senhores que moram longe, como no Maranhão, por exemplo, larguem tudo o que fazem para tomar chá às quintas-feiras. Eu moro a mil quilômetros da ABL, acho que não vão querer me botar uma tornozeleira como essa. Tenho a minha vida, muita coisa para fazer. Talvez fosse até melhor que escolhessem um indígena que circule mais, mas eu não vou fazer campanha para os outros, né?

O senhor não parece muito animado com a possibilidade de entrar para a Academia.

Eu estou incomodado. Como te disse, só soube três dias depois da nota no jornal. Não estava no meu horizonte uma coisa dessas, estou desmarcando um monte de coisas para cumprir as burocracias e demandas da Academia sem sequer fazer parte dela. Não sei se quem já está lá dentro tem tanta demanda, imagino que não.

Pensa em desistir da candidatura? Não. Seria molecagem. Eu respeito a Academia e vou até o final, senão nem teria feito a inscrição. Não sei de onde você tirou essa ideia de que uma pessoa que entra na disputa pode desistir, ainda mais sendo o favorito.

Exposição 'Entre Fronteiras', do jornalista e fotógrafo Pedro Mendes Levier, reúne imagens de migrantes em busca de refúgio e suas histórias

Migrantes em busca de refúgio e suas histórias moveram o jornalista e fotógrafo Pedro Mendes Levier que nesta quinta-feira (28) abre a exposição "Entre Fronteiras" no Centro Cultural Correios RJ.

Com curadoria de Carlos Bertão e design/iluminação de Alê Teixeira, a mostra traz imagens de migrantes em lugares como a Ilha de Lesbos, na Grécia, e regiões da Rota dos Balcãs, trajeto de diversos migrantes a caminho da Europa ocidental. "Um registro de tempo, de pessoas vivendo confinadas em condições desumanas, logo antes do mundo entrar em um outro tipo de confinamento", resume o fotógrafo carioca.

Realizado entre 2019 e 2020, o trabalho envolve fortes componentes humanos e se concentrou em regiões fronteiriças do Espaço Schengen (formado por 26 dos 27 países que formam a União Europeia), em países como Bósnia, Grécia e Macedônia do Norte. Lugares onde migrantes eram confinados e enfrentaram grande resistência para continuar seu caminho em busca de refúgio em países da Europa ocidental.

A mostra vai impactar os visitantes, pois transporta a uma época em que os migrantes já eram pessoas confinadas em suas realidades e espaço, logo antes da epidemia da Covid-19 confinar o restante do mundo.

Em 2019, meses antes da pandemia, o mundo via crescer tanto uma nova onda migratória em direção à Europa ocidental. "Em dezembro daquele ano, visitei a região montanhosa e rural do noroeste da Bósnia, perto da fronteira com a Croácia. O governo criou um campo de refugiados no meio da mata, em um antigo aterro sanitário. Chamado de Vucjak, o lugar gerava apreensão de diversas organizações de defesa dos direitos humanos", conta o fotógrafo.

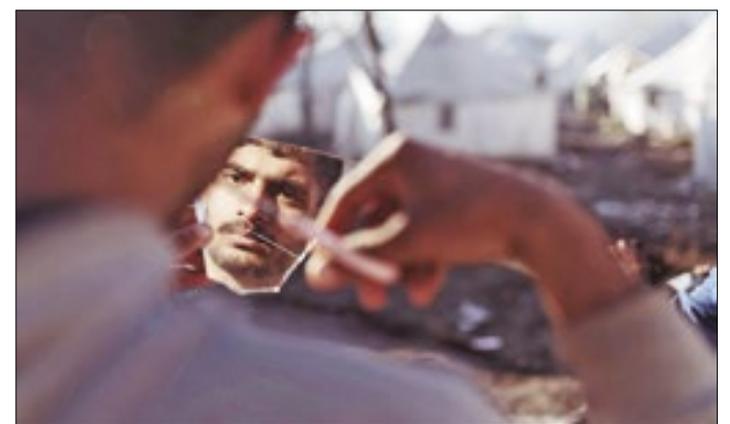
Levier esteve na região montanhosa

Na rota dos sonhos por um futuro melhor

Fotos de Pedro Mendes Levier



Migrantes que buscam refúgio em países europeus são os personagens da exposição 'Entre Fronteiras'



do município de Kumanovo – noroeste da Macedônia do Norte, fronteira com a Sérvia, onde fica o acampamento de trânsito de Tabanovce. Um ponto onde se iniciam muitos desses percursos era o Campo de Moria - na ilha grega de Lesbos.

"Estive lá em fevereiro de 2020, semanas antes do campo entrar em lockdown por causa da Covid. Sete meses depois, no auge da pandemia, o campo ardeu em chamas e foi completamente destruído", comenta Levier.

SERVIÇO

ENTRE FRONTEIRAS

Centro Cultural Correios RJ (Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro)

De 28/9 a 11/11, de terça a sábado (12h às 19h) | Entrada franca

TEREMOS VINHOS TINTOS

EVENTO

Vinhos BRANCOS & ROSADOS



- ROLHA ZERO • ESTACIONAMENTO GRATUITO* • 300 RÓTULOS DE VINHOS
- 25 EXPOSITORES • PRATOS HARMONIZADOS EM NOSSOS RESTAURANTES
- ATRAÇÕES MUSICAIS • WORKSHOPS

29
SET

16h às 21h30

30
SET

16h às 21h30

01
OUT

16h às 20h30

Av. Ayrton Senna, 2.150
Pórtico • Nivel Península

INGRESSOS à VENDA



GRUPO
BACO
MULTIMÍDIA

CASA
SHOPPING

 @casashopping
 @vinhosbrancoserosados
 @bacomultimedia

* ESTACIONAMENTO GRATUITO DURANTE O EVENTO